



DESFAZER A CASA

Luiza Rodrigues Reginatto¹

UNDO THE HOME

DESHACER LA CASA

¹ Mestranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos (2020 – 2022), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Correia Favero. Pesquisa memória em paisagens reais e imaginárias. Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/0254864896054139>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4994-6414>. Email: reginattoluiza@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

RESUMO

Esse ensaio visual apresenta um conjunto de fotografias do processo de retirada de pedaços de cimento que cobriam um ninho de sabiá encontrado durante uma caminhada. A construção desse trabalho está permeada pelo relacionamento com minha mãe, em uma convivência que evoca memórias que se traduzem em uma produção visual/textual onde pretendo nublar os limites entre o real e o ficcional. A partir de conversas internas, em tom íntimo, o texto se dirige à uma mãe propriamente dita e à natureza onde se ambientam as memórias acessadas para essa escrita. Com escritos de Jorge Luis Borges, busco diálogos breves sobre tempo e memória que, amarrados à poética de Louise Bourgeois, articulam escritas fragmentadas de memórias relacionadas à casa. Gaston Bachelard traz o aporte teórico para pensar algumas manifestações de casa nesse imaginário.

Palavras-chave: memória. Casa. Ninho. Processo artístico.

ABSTRACT

This visual essay presents a series of photos showing the process of taking off cement parts that cover a Sabiá nest found in a walk. The construction of this artwork is pervaded by my relationship with my mother, in a coexistence that evokes memories that turned into visual/textual production, in which I intend to blur limits between real and fictional. From internal conversations, in an intimate tone, this text addresses to a mother herself and to the nature where the memories accessed for this writing are set. With Jorge Luis Borges writings, I seek brief dialogues about time and memory, which, associated with Louise Bourgeois's poetic, articulate fragmented writings about home. Gaston Bachelard brings theoretical contribution to think about home in this imaginary.

Keywords: memory. Home. Nest. Artistic process.

RESUMEN

Este ensayo visual presenta un conjunto de fotografías que enseñan el proceso de retirada de trozos de cemento que cubrían un nido de Sabiá encontrado en un paseo. La construcción de este trabajo es permeada por mi relación con mi madre, en una convivencia que evoca memorias que se traducen en una producción visual/textual, donde intento nublar los límites entre el real y el ficcional. Desde conversaciones internas, en tono íntimo, el texto se dirige a una madre misma y también a la naturaleza donde se sitúan las memorias a las que accedo para la escrita. Con escritos de Jorge Luis Borges, busco conversaciones breves sobre tiempo y memoria que, vinculadas a la poética de Louise Bourgeois, articulan escritas fragmentadas acerca de la casa. Gaston Bachelard trae en aporte teórico para pensar manifestaciones de la casa en este imaginario.

Palabras clave: memoria. Casa. Nido. Proceso artístico.

Chegamos a duvidar de ter vivido onde vivemos. Nosso passado está num além e uma irrealidade impregna os lugares e os tempos. (BACHELARD, p. 234)

Então eu voltei para sua casa. Parei em frente por outro motivo e fiquei algum tempo ali. Pareceu normal voltar a entrar naquele espaço e lembrei da última vez que quase a vi: eu estava lá no horário combinado, mas você decidiu sair um pouco antes e me deixou para trás, sempre com pressa. Não esperava que seria nosso último encontro, esse que não aconteceu. Quando voltei passei pelo corredor da garagem e vi o pátio, limpo, ensolarado e com alguns objetos em estado transitório, daqueles que não sabemos para que servem ou se estão cumprindo o seu papel. Qualquer coisa que não tem uma função certa em determinado momento deveria deixar de existir?

Esperava não poder entrar, mas como sempre a janela estava aberta e a chave pendurada no preguinho do lado de dentro. Passei a mão pela janela e sem dificuldade retirei a chave para abrir a porta. Fui ao banheiro, vi as suas tiaras penduradas no espelho.

Já passou um mês desde que você se foi, e acho que no dia mesmo esqueci. Voltar para casa deveria ser sempre voltar para você, mas já faz um mês que você não tem mais casa. Quem queria estar em todos os lugares, agora está tão longe, espalhou-se por tudo. Você se tornou uma matéria muito espalhável, pelo rio, na água doce e salgada. Quem tinha medo de mergulhar, que não gostava de afundar a cabeça, agora é uma só água na cachoeira. Penso em Bachelard quando escreve que “morrer é verdadeiramente partir, e só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio.”²

Nós andávamos juntas, no mato, na natureza. Nos lugares onde me sentia estrangeira você andava descalça, como se fossem inseparáveis, você e aquele lugar. Na cama, quando dormia, seus pés eram como raízes

2 BACHELARD, 1989, p. 77

que tentavam se soltar da terra, como quando as árvores, de maneira muito lenta e com uma violência muda, vão aos poucos levantando as calçadas para dar passagem ao seu crescimento. Havia terra nos lençóis, nos travesseiros, nos seus cabelos. Pode parecer bizarro, uma cena macabra para alguns, essa imagem que tenho de você como uma mulher que se funde na terra em sua própria cama, mas no seu mundo isso era perfeitamente natural. Lembro de uma história, lida na infância, parte do folclore de algum lugar: uma menina foi enterrada pela madrasta, ela possuía brincos de ouro e o mato cresceu em torno de seu corpo e as raízes se enrolaram nos seus cabelos. Acho que cantava. É assim que vejo o tempo: raízes enroscando-se nos seus cabelos todas as noites, tragada pela terra da sua cama, é assim que recebo essa memória.

Sua casa era habitada por toda a paisagem de fora que se abrigava nas paredes, trazendo cenários dos seus sonhos para dentro. Inventávamos memória o tempo todo, a cada palavra. Toda história contada já é outra, porque somos outras. O presente se torna memória, invenção. Inventamos o tempo. Em um ensaio chamado *El tiempo*, Jorge Luis Borges se debruçou sobre o tema, recorrendo a Platão, Heráclito, Santo Agostinho, Zenão, Newton, o autor desdobra o tempo. Retomo aquela analogia, com Heráclito, do tempo como um rio, que flui incessantemente. “Nadie baja dos veces al mismo río”³ porque além de o rio estar em constante movimento, nós mesmas somos também como um rio. Parece que a nossa convivência produzia uma fenda no tempo. Era como se transcorresse de maneira diferente, ou, viver com você era viver em um passado constante. Lá não tínhamos presente, éramos passado e futuro e você era o tempo mesmo.

Aquela casa se desfez. Durante algum tempo carreguei comigo suas cortinas, que não eram grandes, mas eram muito compridas, porque tínhamos uma janela alta e imaginávamos que elas deveriam tocar o chão. Demorou para ajeitarmos essa parte da casa, fui comprar o tecido

3 BORGES, 2017, p. 493

sozinha, já que você não tinha tempo para cortinas. Um algodão muito leve, branco e transparente. Precisava de forro: outra fina camada de um tecido de algodão de um marrom muito claro. Demorou até que a costureira aprontasse e um pouco mais para instalarmos: uma vara comprida quase no teto por onde passariam as alças das quais pendiam os mais de dois metros de tecido. Cortinas brancas, concretização do lar feliz.

A materialidade do tecido que registra a passagem do tempo se relaciona com meu corpo e me transporta incessantemente para outros passados. As cortinas, agora transformadas em retalhos inúteis, se mantêm como a reminiscência de um corpo que se desfez. Louise Bourgeois comenta que roupas também são um exercício de memória, a matéria surge como indicativos na busca pelo passado.⁴

Bourgeois imprime em seu trabalho sua própria experiência, de uma vida que se manifesta nos interstícios da fabulação de suas memórias pessoais. Em sua poética, percebo a presença desses objetos que articulam a experiência pessoal em função de uma fantasia, que nos fala a todos. Outra aproximação com a artista diz respeito a uma ligação do trabalho de tecelagem feito próximo à mãe (Louise e a mãe eram responsáveis pela restauração de tapeçarias no negócio da família).

Roland Barthes escreveu que texto vem de tecido, um tecido que se produz incessantemente, “o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia.”⁵ Penso em como tecíamos um dia a dia feito de lembranças manifestas no corpo, na casa, entre textos, entre telas. Criávamos tradições que se constituíam logo no primeiro dia, porque os procedimentos eram irresistíveis e precisávamos definir que os manteríamos ativos. Uma de nossas atividades preferidas envolvia caminhadas na natureza, nas quais

4 “Clothing is also an exercise of memory. It makes me explore the past. How did I feel when I wore that. They are like signposts in the search for the past.” (BOURGEOIS, 1998, p. 363)

5 BARTHES, 1987, p. 82

recolhia pedras e as trazia para casa para logo perder. Foi quando comecei a colecionar ninhos.

Nos dias de muito vento ou depois de uma grande tempestade, era comum encontrar ninhos de pássaros pelo caminho. Percebi que de certa maneira eram casas abandonadas, inclusive nós havíamos abandonado as nossas e tentávamos construir um abrigo. Diante da instabilidade e precariedade da casa que habitávamos, me senti acolhida na imagem do ninho, que segundo Bachelard provoca a sensação de aconchego, evoca a primitividade da toca animal⁶, o autor comenta que “o ninho (...) é precário e, entretanto, desencadeia em nós o devaneio da segurança.”⁷

Um ninho abandonado é totalmente silencioso, nenhum ruído ousa passar por ali, é como se qualquer possibilidade de vida tivesse escapado pelos delicados tramados de galhos e folhas. Eu evitava pensar no que teria acontecido para que acabassem no chão.

E então tudo foi silêncio, como uma nevoa, cada vez mais densa, que se impõe, e pouco a pouco e sem parar está preenchendo todos os cômodos da casa e se arrasta ao teu lado.

6 BACHELARD, 1993, P. 257

7 Idem, p. 264

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martin Fontes, 1989

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva. 1987

BORGES, Jorge Luis. **Borges Essencial**. Barcelona: Penguin Random House. 2017

BOURGEOIS, Louise. **Destruction of the father, reconstruction of the father**. Writings and interviews, 1923 – 1997. Londres: MIT Press. 1998



FIGURA 1.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia, 67 cm x 38 cm, acervo da artista



FIGURA 2.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia, 67 cm x 38 cm, acervo da artista



FIGURA 3.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia,
67 cm x 38 cm, acervo da artista



FIGURA 4.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia,
67 cm x 38 cm, acervo da artista



FIGURA 5.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia,
67 cm x 38 cm, acervo da artista



FIGURA 6.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia,
67 cm x 38 cm, acervo da artista



FIGURA 7.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia,
67 cm x 38 cm, acervo da artista



FIGURA 8.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia,
67 cm x 38 cm, acervo da artista



FIGURA 9.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia,
67 cm x 38 cm, acervo da artista



FIGURA 10.

Luiza Reginatto, desfazer a casa, 2021, fotografia,
67 cm x 38 cm, acervo da artista

Artigo enviado em: 28/05/2022
Aceito em: 27/07/2022